**O TRABALHO DE PESQUISA NA FORMAÇÃO INICIAL: OPORTUNIDADE OU OBRIGAÇÃO?[[1]](#footnote-1)**

Lays Cristine Soares de Carvalho[[2]](#footnote-2)

Hilda Maria Martins Bandeira[[3]](#footnote-3)

**INTRODUÇÃO**

 Este texto traz discussões da pesquisa de iniciação científica, que encontra-se vinculada ao projeto de pesquisa cadastrado na PROPESQ[[4]](#footnote-4) sob responsabilidade da Profª Hilda Bandeira em que busca compreender a significação teórica, filosófica e existencial do trabalho de pesquisa na formação inicial sob ponto de vista do bem de consumo e do bem de produção. Para este texto, temos como objetivo: compreender a necessidade do trabalho de pesquisa como cultura enquanto bem de consumo e como cultura enquanto bem de produção.

Em relação ao modo de compreensão da pesquisa científica, Vieira Pinto (1969) apresenta várias críticas, especificamente quando esta privilegia somente a lógica formal, ou seja, quando os pesquisadores não dão a devida importância a reflexão teórico-metodológica que se tenha sobre o trabalho de pesquisa, bem como quando ignoram a preparação e orientação filosófica dos que se prestam ao caminho dela, como relata o autor “a ciência só pode tornar-se um instrumento de libertação do homem [...] se fôr compreendida por uma teoria filosófica que a explique como atividade do ser humano pensante [...] de indagação em face da realidade natural e social”. (VIEIRA PINTO, 1969, p. 4).

Nesse sentido, a pesquisa científica é fundamental no processo existencial do ser humano, visto que o homem encontra-se constantemente em desenvolvimento, isto significa que a pesquisa científica é primordial no progresso intelectual dos futuros pesquisadores ou professores cientistas, bem como na produção do jovem ingressante na pesquisa.

Assim sendo, o trabalho de pesquisa científica tem como propósito subsidiar a reflexão teórico-metodológica, e quando esta é vinculada a lógica do raciocínio científico, especificamente a da lógica dialética, propicia aos futuros pesquisadores para a formação da consciência crítica. Para Vieira Pinto (1969, p. 226) “a lógica dialética [...] deriva da percepção mais aprofundada da objetividade dos processos naturais, [...] e por isso tem de penetrar até nas camadas mais íntimas da sua realidade, para refletir em ideias abstratas os elementos objetivos que aí se encontram”.

Desse modo, esta lógica apresenta fatores que são imprescindíveis para o desenvolvimento do conhecimento. Partindo do que foi dito anteriormente, entendemos a relevância da reflexão teórica, filosófica e metodológica sobre o trabalho de pesquisa científica que surge da iminência de transformar a realidade. Assim sendo, segundo Vieira Pinto (1969, p. 226).

A pesquisa científica constitui-se em ação do homem sôbre a natureza para fins criativos, que se resumem no intuito de conhecê-la, não pelo prazer de conquistar verdades eternas, abstrata, em cuja contemplação o espírito repouse e se satisfaça, mas para produzir bens indispensáveis à existência e adquirir instrumentos de transformação do mundo em proveito do homem.

Nesse sentido, entendemos que o trabalho é uma atividade eminentemente humana, logo, por meio desta ação produzimos os bens necessários a nossa condição existencial. Nessa direção, o trabalho quando é perspectivado para ação que supera os bens de consumo, cria as condições de transformação, isto é, na expressão do referido autor, constitui os bens de produção.

É nesse sentido que analisamos o trabalho de pesquisa na formação inicial dos graduandos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí que cursaram a disciplina de Pesquisa em Educação no período de 2015.2 e 2016.1 no turno da noite que tem como processo e produto a elaboração do projeto para encaminhar a construção do Trabalho de Conclusão de Curso-TCC. Nesse caso, tem como pressuposto central entender se o trabalho de pesquisa que encaminha ao TCC está servindo como oportunidade no sentido de aquisição de conhecimentos em relação ao processo de desenvolvimento existencial do discente ou como obrigação no sentido de obter resultado imediato apenas para a aprovação na disciplina referida antes mencionada, consequentemente no recebimento do diploma de nível superior.

Este texto encontra-se fundamentado nas ideias dos seguintes autores: Vieira Pinto (1969), Afanasiev (1968), Bandeira (2014, 2016), Ibiapina (2008, 2014), Nono (2011), Cheptulin (2004), dentre outros que surgirão no decorrer das discussões.

Nesse sentido, objetivamos nas discussões deste texto compreender a necessidade do trabalho de pesquisa como cultura enquanto bem de consumo e como cultura enquanto bem de produção, assim como a natureza filosófica da pesquisa científica, além do entendimento da lógica formal e da lógica dialética. Estas discussões serão fundamentais, principalmente para aqueles que encontram-se em processo de conhecimento da pesquisa científica e necessitam compreender a natureza dela e a importância da preparação filosófica e existencial da realidade que os cerca.

Sendo assim, a pesquisa científica é regularmente utilizada por grupos de pesquisadores universitários, que ao se adentrarem neste espaço se deparam com o mundo de possibilidades que, muitas vezes não são oferecidos fora dela, e que devido ao processo sócio-histórico ao qual passou estabelece que, para seguir com o campo da pesquisa científica é necessária uma vocação, esse processo pode vir a comprometer a importância da reflexão teórica do trabalho do pesquisador e da sua condição humana. Para tanto, Vieira Pinto (1969) defende a exigência de formação teórica do pesquisador, que encontra-se estritamente relacionada a condição filosófica, especialmente para aqueles que ainda estão por despertar nesse caminho.

Nessa perspectiva, o pesquisador precisa conhecer os problemas por ele postulado, ou seja, precisa ter propriedade em relação ao seu objeto de estudo, seja ele relacionado a qualquer tema, ou fenômeno, que tenha como propósito solucioná-los. Nesse sentido, a unidade pensamento-ação são propriedades indispensáveis ao processo de investigação da pesquisa científica. Essa perspectiva descarta toda e qualquer investigação científica que encontra-se ligada apenas aos fatos do mundo imediatista.

Assim, entendemos a importância da unidade teoria-prática para com o trabalho de pesquisa, pois as relações produzidas com a teoria da investigação e a realidade do trabalho científico dá a condição para explicitação dessa unidade, uma vez que por trás de toda prática existe uma teoria implicada, mesmo que o pesquisador ainda não tenha a consciência ativa[[5]](#footnote-5) sobre ela, pelo fato de, muitas vezes não levarem em conta esse procedimento em suas pesquisas, como afirma Vieira Pinto (1969, p. 8): “[...] a teoria não está ausente na obra dos pesquisadores, que aparentemente se despreocupam destas discussões chamadas especulativas; o que está ausente é a consciência dela”, da mesma forma acontece com a teoria filosófica, que apesar de compreendida e aplicada no campo, há a necessidade de “aproveitar o inapreciável capital representado pela vivência direta da ação investigadora”. (VIEIRA PINTO, 1969, p. 5).

Nesse sentido, por meio da realidade, mas precisamente da interpretação desta, aliada ao conhecimento da pesquisa e considerando a materialidade e suas contradições é que o pesquisador encontrará o terreno fixo para suas análises e indagações, de onde farão brotar as ideias, a categoria lógica, e de onde surgirão as necessidades que irão gerar as possibilidades.

No processo de elaboração da pesquisa, o pesquisador precisar ter apropriação do seu objeto de estudo, o que facilitará a sua entrada em campo, logo por meio da relação e unidade pensamento-ação, o pesquisador por meio das possibilidades encontrará as categorias necessárias ao seu estudo, tendo por finalidade resolvê-lo, ou criando as contingências necessárias para isso.

Assim, a pesquisa científica é uma ferramenta de conexão entre o homem, e a possibilidade existencial da realidade que o circunda, seja ela, a de dominar a natureza, a fim de transformá-la para atender as suas exigências. A consciência que o ser humano venha a ter sobre essa realidade se dá a partir da consciência que o mesmo tenha sobre ela, esse desenvolvimento acontece primeiramente no surgimento de ideias, tida como manifestação superior, também chamada de conhecimento. (VIEIRA PINTO, 1969).

Partindo disso, a pesquisa científica é constituída pela lógica da ciência, a lógica mencionada aqui é fundamental no processo de resolução de problemas, bem como no progresso da investigação científica. Sabendo disso, a lógica formal e a dialética são dois sistemas lógicos que buscam interpretar a natureza científica do conhecimento, partindo da compreensão em resolver com profundidade o problema da teoria científica.

O presente texto está organizado em três seções, nesta introdução realçamos os pressupostos teóricos, filosóficos e existenciais da pesquisa científica em Vieira Pinto (1969); na segunda seção, caracterizamos a lógica formal e a lógica dialética em dois sistemas de interpretação da realidade, assim como a compreensão do trabalho de pesquisa e da categoria necessidade na perspectiva do bem de consumo e do bem de produção; e na terceira seção, anunciamos a interpretação dos dados produzidos.

**2. LÓGICA FORMAL E LÓGICA DIALÉTICA: os dois caminhos necessários para a compreensão da ciência**

 O conhecimento perpassa por fases científicas e estas se caracterizam logicamente por meio de diferentes traços. Vieira Pinto (1969) destaca alguns desses traços, como: a consciência metódica, a indagação sobre a natureza, o significado, o valor, a eficiência, e a compreensão da unidade da atitude metodológica. Logo, a escolha pelo método ao qual se pretende investigar é o ponto principiante para que se possa conhecer e compreender o caminho da pesquisa científica.

Segundo Vieira Pinto (1969, 39) “o conceito de método não é estático, mas dinâmico, seu conteúdo varia, e, portanto as relações entre seus diversos aspectos lógicos se alteram com o evoluir das ciências.” Nesse sentido, a escolha pelo melhor método depende do campo de interesse do pesquisador e de suas opções, estas precisam está em diálogo com a escolha do método que se origina em função das situações da lógica e do objeto investigativo. Por tudo isso, faz-se necessário ter a consciência metódica na realização, no planejamento e na realização em todo e qualquer trabalho investigativo. Sobre isso Vieira Pinto (1969, p. 40) revela que: “[...] organizar o sistema de método, a metodologia que seja ao mesmo tempo ciência teórica e prática do trabalho de pesquisa, tal é objetivo da lógica científica [...]”.

A compreensão da atitude metodológica parte do diálogo com os vários métodos e metodologias no processo de investigação da pesquisa científica, logo, é preciso que haja no processo de investigação a coerência desses métodos. Assim, a realidade do campo investigativo precisa está em acordo com o método escolhido pelo investigador. Essa compreensão parte de uma discussão universal que é a apreensão da questão da lógica, para isso, o pesquisador precisa conhecer a ciência lógica e definir qual delas seguir, para assim, dirigir-se a escolha do método.

É por meio desse processo de apreensão da realidade sócio-histórica que aparece a contradição[[6]](#footnote-6), nela encontramos a fonte de esclarecimento necessária para a compreensão da realidade, é por meio dela que o pesquisador poderá apreender qual sistema lógico será preciso utilizar para resolver com profundidade o seu problema de pesquisa. Logo, os dois caminhos da ciência lógica necessária para a compreensão da realidade no processo de apreensão do trabalho investigativo são estes: a lógica formal, e a lógica dialética.

Nesse primeiro processo de resolver com profundidade o problema da teoria científica, fica claro que esta não pode ser resolvida levando em consideração apenas a lógica formal devido o seu caráter de superficialidade, para esta lógica não importa resolver com tamanha profundidade os aspectos científicos, como esclarece Vieira Pinto (1969, p.44) ao relatar que “a lógica formal, ao excluir as contradições como um equívoco do pensamento, a ser repelido a todo custo, condena-se a lógica da superficialidade da realidade, da imobilidade das coisas, da intemporalidade dos fenômenos.”

Sendo assim, a lógica formal quando se presta a resolver o problema científico considera-se autosuficiente, em que a busca pelos conceitos é tida por absoluta, logo, o mundo do pensar formal é limitado em relação ao ir mais além, sem se preocupar em manifestar as suas próprias imperfeições. No entanto, ela mesma se considera modalidade do conhecimento, porém essa lógica é limitada e rígida, e não considera a contradição, consequentemente ela é considerada a lógica da superfície da realidade, por não se adentrar no processo de aprofundamento do conhecimento.

Por conseguinte, consideramos a lógica dialética a ciência da etapa suprema, pois ela estabelece o grau máximo da autoconsciência do processo do pensamento, ao passo que, concorda com os vários métodos existentes, ao reconhecer que um deles nunca existe sem o outro, afirmando e considerando assim a contradição, conforme salienta Vieira Pinto (1969, p. 42) “[...] a necessidade de aceitar o caráter lógico de um conceito ou situação objetivamente contraditórios conduz o filósofo a estabelecer e reconhecer a existência de contradições no processo de apreensão e representação da realidade”. A lógica dialética considera a lógica formal, reconhecendo esta como necessária, porém limitada no processo evolutivo do conhecimento.

A lógica dialética, segundo Vieira Pinto (1969, p. 44) “é o sistema de pensamento racional que reflete fidedignamente o movimento real das contradições que se passam no mundo exterior, físico e social, [...] a lógica dialética alcança o objeto da pesquisa científica no plano de maior profundidade”. Posto isso, esta lógica entende a dinâmica e os movimentos dos fenômenos, em que a contradição se faz presente em meio a busca pela essência do conhecimento.

A simples experimentação baseada em ideias do pensamento constitui a lógica formal, que por meio de regras e princípios dedutivos realiza suas experiências, levando em consideração a própria racionalidade, desprezando a reflexão teórica sobre o seu trabalho. Nessa perspectiva, Vieira Pinto (1969, p. 45) relata que a lógica formal:

Considera que depois, em virtude da verdade intrínseca que as ideias possuem, estas se prestam a um movimento de retôrno à realidade, e por isso podem ser aplicadas na transformação das coisas, nas operações construtivas, na investigação experimental de novos aspectos do mundo, enfim, servir de meios para conduzir e fecundar o trabalho que o homem executa. Mas os dois planos, o teórico e o prático, permanecem divididos por um fôsso contínuo e essencial, apenas em certos pontos superado por pontes que permitem transitar de um lado a outro.

A dialética, no entanto, nega a existência de tal fosso e considera a unidade do teórico- prático como ferramenta necessária ao desenvolvimento do conhecimento, considerando a contradição de tal maneira que venha suscitar a transformação da realidade circundante. Sendo assim, a dialética parte do pressuposto que a unidade pensamento-ação encontra-se indissociáveis no processo de investigação da pesquisa científica, confirmando assim que o mundo das ideias encontra-se aliado ao universo objetivo do plano material.

Segundo Vieira Pinto (1969) é necessário que o pesquisador tome conhecimento da existência do sistema lógico, pois só assim será possível chegar à compreensão da unidade mencionada, pois destaca que este fato ainda é colocado em plano secundário na produção do calendário científico por muitos cientistas.

Partindo da compreensão da unidade teoria-prática, entende-se que a natureza dialética da ideia é ponto principiante para se chegar a produzir, a criar, e a intervir na natureza. A ideia inicialmente criada deve partir da necessidade de “compreender-se na condição original da intervenção da realidade, pelo trabalho, pela pesquisa científica.” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 52).

A lógica dialética assume que “a ciência subjetivamente se constitui em um mundo racional de ideias, mas estas não existiriam sem a técnica, a prática, a aplicação do acervo existente da ciência, que assegura a verdade dos conhecimentos possuídos e os desenvolve num progresso ininterrupto”. (VIEIRA PINTO, 1969, 49).

É necessário destacar que as ideias, na lógica dialética precisam estar envolto da reflexão crítica, mas precisamente de uma consciência crítica, pois ao contrário desta estaríamos na dependência do pensar formal, em que as ideias se criam e atuam de modo ingênuo, sem a reflexão crítica quanto à origem destas. Segundo Vieira Pinto (1969) uma das características da consciência ingênua estar em não se reconhecer como tal, ou simplesmente em não aceitá-la, logo, no pensar e agir na e com a pesquisa, o pesquisador precisa se situar no campo da consciência crítica, para isso, ele precisa esta ciente em exercer as atividades que a pesquisa científica impõe.

Por tudo isso, durante o processo de elaboração do trabalho de pesquisa, o pesquisador precisa compreender as necessidades e as etapas da pesquisa científica. A necessidade aqui mencionada, não é aquela em que no senso comum compreende-se como falta, carência, fragilidade, mas no sentido de entender a necessidade como possibilidade de encontro para o pensar e o agir dialético, ou que transita para o trabalho enquanto bem de produção, trataremos de discuti-lo nas próximas seções.

**2.1 O trabalho de pesquisa enquanto bens de consumo e bens de produção**

“A prática que se constitui como critério de verdade é sempre aquela motivada por uma finalidade”, (VIEIRA PINTO, 1969, p. 219). A prática aqui relatada prefigura-se como aquela em que nasce a partir das exigências humanas de produzir algo para si a partir dos conhecimentos e para os outros, a partir do que este necessita. A experiência ou pesquisa científica, por exemplo, destina-se a reflexão das atividades práticas ligadas a realidade humana, sendo conforme o autor mencionado, objetivas e subjetivas quanto à natureza de sua prática.

É objetiva na medida em que as necessidades são atendidas para obter algo momentâneo, ou com sentido imediato, como por exemplo, a realização de um trabalho é feita com a finalidade de ter a nota, e não com o intuito de realizá-la para o aprimoramento do conhecimento, a atividade relatada anteriormente serviria como uma obrigação, voltada para a perspectiva do bem de consumo. Ela é subjetiva quando os pensamentos, as ideias ligadas ao pensamento racional são vividas antecipadamente, antes mesmo que a prática seja realizada, e consequentemente aliada a isso buscam as melhores estratégias de experimentação para o fim que se deseja alcançar.

A ideia de acordo com Vieira Pinto (1969) surge como procedimento de transformação da realidade, esse processo vai se constituindo por meio do pensamento, que unida a existência real do homem resultará na unidade pensamento-ação, esse processo está voltado para a perspectiva do bem de produção, em que a busca pelo conhecimento não se detém na superficialidade, mas em processo de aperfeiçoamento contínuo do conhecimento. Assim, segundo Vieira Pinto (1969, p. 221) “[...] a prática enquanto confirmação do conteúdo da ideia imaginada, resulta [...] de uma finalidade existencial, determinada pelo engajamento racional do homem [...], especialmente no processo econômico produtivo”.

Logo, a prática constitui-se em critério de verdade por ser intencional, necessária e movida por uma finalidade. Nesse sentido, o critério de verdade encontra-se na prática real do curso de pedagogia da UFPI, e esta só pode constituir-se quando vivenciada pelo contexto coletivo dos discentes e docentes que nele se engajam. Nessa perspectiva, a prática real confirmadora da pesquisa científica nasce das interações e das necessidades dos docentes e discentes que consequentemente a isso irá gerar os motivos, confirmando assim a materialidade dialética, de modo que a cada exigência apresentada pela pesquisa científica, os discentes e os docentes são convidados a produzir o conhecimento, criando assim o domínio sobre o seu objeto de estudo, isso mostra que a partir da existência real do homem, bem como de suas construções coletivas e não individuais, o indivíduo é capaz de produzir o saber que adquire-se diante das experiências vivenciadas.

O trabalho encontra-se ligado a produção, mas precisamente a produção da existência. Nesse sentido, o trabalho constitui-se como uma necessidade de produzir, de acordo com Vieira Pinto (1969, p. 226) “[...] bens indispensáveis à existência e adquiri instrumentos de transformação do mundo em proveito do homem”. Nesse sentido, o trabalho está aliado à capacidade do homem de produzir os instrumentos necessários para a sua transformação, diferentemente do animal que não trabalha, e nem tem a necessidade do trabalho, por não ter a necessidade de transformar a sua própria natureza. Logo, toda atividade que não haja conscientemente visando à transformação da realidade natural, não pode ser denominada trabalho.

Nessa perspectiva, partindo do que foi dito anteriormente o trabalho surge como uma possibilidade de transformar a realidade como o propósito de atender as necessidades enquanto possibilidade. Assim, o homem vai apropriando-se da natureza a partir do momento em que é capaz de agir sobre ela. Segundo Vieira Pinto (1969, p. 228) “[...] apropriar-se da natureza significa para o homem utilizar-se dos corpos e fenômenos que encontra em redor de si para fins propostos pela consciência, e não impostos pelo curso dos fenômenos ou por mecanismos instintivos”.

Partindo do exposto, trazemos novamente a discussão sobre a ideia como ação produtiva humana, não é propósito deste trabalho trazer a tona “a origem das ideias”, como já discutido no século XVII pelo empirismo e metafísicos em que a organização biológica é tida como etapa suprema na produção das ideias, desconsiderando assim a natureza evolutiva do homem, mas a ciência dialética considera este como ser que evolui socialmente que nesse percurso produz bens que se tornam indispensáveis para a sua sobrevivência, logo “o trabalho constitui igualmente um processo, no qual se unificam a teoria e a prática, a ideia e a operação transformadora das circunstâncias.” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 48).

Por isso, a ideia enquanto ação unida ao trabalho constitui o que se chama de produção da existência, pois o homem é um ser que se adapta a natureza, no sentido de produzir bens para a sua sobrevivência, diferentemente do animal que são produzidos pelo mundo e não produzem os meios necessários para a sua subsistência. Vieira Pinto (1969, p. 48) nos revela que a ideia é manifestada pela essência contraditória quando:

[...] por um lado, é o resultado da ação produtiva do homem sobre a natureza, desde os primórdios, quando começa a emergir da etapa do instinto; neste sentido a ideia é um bem de consumo. Mas, por outro lado, na medida em que a atuação criadora que o homem exerce na natureza é dirigida pela ideia que já foi capaz de formar a respeito dela, dos objetos, forças e fenômenos que a compõem, a ideia aparece como bem de produção.

Trazendo para o objeto desta pesquisa, quando o trabalho de pesquisa de conclusão do curso surge primeiramente como ideia de produzi-lo para a realização do ganho do diploma de término do curso, e não como sentido de está produzindo conhecimento para a realização e crescimento pessoal e cultural, surgindo no caso como uma obrigação, a ideia neste caso, soaria como um bem de consumo; mas quando o trabalho de conclusão do curso surge primeiramente como ideia de continuidade no processo de elaboração do conhecimento e de transformação da realidade e oportunidade de aprendizagem e de crescimento pessoal e cultural, soaria como bem de produção.

No processo de elaboração do conhecimento, o ser humano consome socialmente as ideias. Nesse processo, ele vai apropriando-se do conhecimento a ponto de produzi-la “numa ulterior reelaboração em forma mais perfeita, mais aprofundada, mais expressiva da realidade que representa”, fazendo com que as ideias se tornem inéditas. (VIEIRA PINTO, 1969, p. 49). Esse processo é dialético e, portanto é bem de produção.

Vieira Pinto (1969) nos revela que a condução do trabalho da investigação da realidade encontra-se diretamente relacionada à questão da alienação da consciência, demonstrando que essa consciência se funde pela interação entre a relação e unidade pensamento-ação, no processo de elaboração do trabalho produtivo. Nesse sentido, a produção das ideias está ligada diretamente pelo caráter de alienação e desalienação da consciência com o trabalho exercido pelo homem. Logo, como afirma Vieira Pinto (1969, p. 51) “[...] as ideias são um dos resultados da produção, graças ao trabalho, dos bens de que o homem necessita para sobreviver e aumentar o predomínio sobre a natureza que tem de enfrentar.”

Assim sendo, quando o homem não toma como conhecimento de si e para si as ideias que possui no processo de investigação do conhecimento, as ideias surgem, nesse procedimento, como bens de consumo, no caso são também chamada de alienação cultural, pois o pesquisador não chega a conceituar essas ideias, apenas limitam-se a ser consumidores de ideias alheias, manifestando um “simples saber erudito, isto é, adorno espiritual, estéril acumulação de conhecimentos, úteis apenas para exibição acadêmica, [...] ou nas vulneráveis instituições universitárias em plena decrepitude nas áreas metropolitanas.” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 52).

Para que as ideias possuam caráter de bens de produção, essa precisa ser criadora, no sentido de agir sobre a realidade e modificá-la, (re)criando os bens indispensáveis para sua sobrevivência, no caso, as ideias. Estas poderá se valer partindo da criação do outro, mas no sentido de recriá-la, fazendo delas algo novo, e apropriando-se dele.

Na próxima seção discutiremos sobre a necessidade do trabalho de pesquisa enquanto bem de consumo e enquanto bem de produção. Sendo assim, nos apoiaremos em Bandeira (2014, 2015) no discorrer da discussão.

**2.1.1. Necessidade enquanto bem de consumo e enquanto bem de produção**

Nesta seção, não nos deteremos em discutir sobre bens de consumo e bens de produção, já que estas apresentam-se incluídas na seção anterior. Assim, preocuparemos em tratar da necessidade, esta já brevemente comentada acima em outras seções. Como apresentado anteriormente, a necessidade geralmente encontra-se nos diálogos como sendo algo relacionado à falta, carência ou dificuldade, dentre outros, sem, por exemplo, apresentar-se como algo que possibilita o devir, o novo. Por conseguinte, necessidade está sendo compreendida na perspectiva da articulação do trabalho de pesquisa com a formação inicial dos futuros graduados do curso de pedagogia. Daí a sua materialidade.

De acordo com Bandeira (2014) manifestamos diferentes tipos de necessidades, em sua pesquisa de doutorado foram desvelados várias manifestações de necessidades, dentre elas: discrepâncias ou lacunas; diagnósticas; e possibilidades real e abstrata. A primeira, necessidade como discrepância ou lacunas foi identificada por meio dos relatos como falta, carência, demonstrando um distanciamento entre a condição atual, vividas pelas partícipes e a condição em que desejavam estar.

A necessidade como diagnóstica foi anunciada e identificada como dificuldade e fragilidade, sendo reduzida a manifestação circunstancial. Na necessidade como possibilidade real e abstrata, a autora relata que no enunciado das partícipes foi desvelada em um de seus diálogos a luta com as contradições do sistema, bem como dos conflitos e das condições em que estão postas, demonstrando assim, que as necessidades em que foram apresentadas como discrepâncias e diagnósticas proporcionaram luzes de possibilidades reais e abstratas.

Logo, torna-se necessário entendermos que a necessidade enquanto pensamento formal é visto como necessidade no sentido de carência, falta, dificuldade e fragilidade em que o foco gira em torno das condições externas, sem que estas se transformem como possibilidades. Assim, quando a necessidade é tida como sentido de falta, dificuldade, sem considerar as suas casualidades como critério de possibilidade está perspectivado para o bem enquanto consumo. Pois essa manifestação de necessidade apenas o enxerga como empecilho, e não como probabilidade para por meio dela agir e modificá-la em sua realidade.

Porém, a necessidade constituída e perspectivada como manifestação intrínseca das relações externas e internas considera a lógica dialética, e analisa as casualidades associando-a como possibilidade real ou mesmo abstrata, quando o pensamento está ciente desse raciocínio, encontra-se perspectivado para o bem enquanto produção. Porém é por meio das manifestações externas como já descritas anteriormente, como: falta, carência, dificuldade, dirigida por enunciados de discrepâncias e diagnósticas que irá sendo propiciada as possibilidades reais e abstratas.

Por meio desse diálogo e com base nos estudos de Bandeira (2015), Cheptulin (2004) e Vieira Pinto (1969), classificamos algumas características de necessidade do trabalho de pesquisa presente no diálogo dos alunos do curso de Pedagogia, cursantes da disciplina de Pesquisa em Educação, em: bens de consumo, bens de produção e bem em transição.

Com base no Quadro 1, exposto abaixo, podemos compreender as diferenças relacionadas a cada necessidade do trabalho de pesquisa, pois vemos claramente a existência das contradições referente as característica, pois consideramos que bens de consumo e bens de produção se excluem e se exigem, fato esse que será explicado mais a frente, assim, com base na análise dos dados pudemos criar uma terceira característica para o quadro de necessidades do trabalho de pesquisa, esta chamada de bem em transição.

Quadro 1: Classificação das necessidades do trabalho de pesquisa enquanto cultura de bens de consumo, em transição e de produção.

|  |
| --- |
| **NECESSIDADES DO TRABALHO DE PESQUISA** |
| ENQUANTO BENS DE CONSUMO | BEM EM TRANSIÇÃO | ENQUANTO BENS DE PRODUÇÃO |
| * Rejeita a existência objetiva da necessidade;
 |  | * Considera a existência da necessidade;
 |
| * Rejeita o caráter histórico-dialético
 |  | * Considera o caráter histórico-dialético
 |
| * Considera-se autosuficiente
 |  | * Considera a lógica dialética
 |
| * Nega o caráter criador das ideias
 |  | * Considera o caráter criador das ideias
 |
| * Considera o trabalho apenas como obrigação
 |  | * Considera o trabalho como obrigação e como oportunidade
 |

Fonte: Produção da pesquisadora, com base em Bandeira (2014, 2015), Cheptulin (2004), e Vieira Pinto (1969).

Assim, podemos analisar que enquanto os bens de consumo, por exemplo, negaà existência objetiva da necessidade (quando no diálogo explicita que não houve necessidade de cursar pedagogia, ignorando as casualidades), os bens de produção consideraà existência objetiva na necessidade (quando no diálogo explicita que houve necessidade de cursar pedagogia, considerando as casualidades). Porém, em um mesmo diálogo sobre as necessidades dos alunos referente à escolha do curso de pedagogia é possível observar a existência tanto de quem faz a negação objetiva da necessidade, quanto de quem faz a consideração objetiva da necessidade, assim, os alunos pode negar a necessidade, mas em seu discurso faz um breve comentário das casualidades que o fizeram entrar para o curso.

Nisso, observa-se a contradição que pode haver quanto ao discurso referente ao processo de elaboração do conhecimento, especificamente quando se trata do caminho para a realização do trabalho de pesquisa, porque ao passo que, por exemplo, os alunos consideram a existência objetiva da necessidade, também consideram o trabalho de pesquisa como obrigação e oportunidade. Nesse sentido, pode-se dizer, conforme afirma Vieira Pinto (1969, p. 51): “[...] as ideias, vistas sob este ângulo, e com o auxílio das categorias dialéticas aparecem como um resultado contraditório, ao mesmo tempo bens de consumo e bens de produção.”

Logo, o Quadro 1 demonstra as características relacionadas ao bem de consumo e bem de produção como pares dialéticos. Porém, como já exposto anteriormente podem ser desvelados no diálogo dos alunos tanto os bens de consumo quando negam a existência objetiva da necessidade (negam as casualidades), quanto os bens de produção quando consideram a existência objetiva da necessidade (confirmam as casualidades). Assim, em um mesmo discurso podem ser desvelados a necessidade enquanto bem de consumo e a necessidade enquanto bem de produção, permitindo que se chame de “bem em transição”, haja vista que ocorre uma oscilação entre um e outro.

Com base nas características explicitadas no quadro 1, sendo estas: necessidade do trabalho de pesquisa enquanto bem de produção, necessidade do trabalho de pesquisa enquanto de consumo e necessidade do trabalho de pesquisa enquanto bem em transição, realizamos esta pesquisa.

**3. PROCEDIMENTO DE PRODUÇÃO DE DADOS: análise e interpretação**

Para a produção dos dados, considerou-se, inicialmente, a escrita do diário de pesquisa com o objetivo de compreender através da subjetividade dos alunos como se deu a construção e elaboração do trabalho de pesquisa; posteriormente, a entrevista reflexiva com base em Szymanski (2004), que a compreende como um processo importante de organização de ideias e produção de discursos por meio de trocas intersubjetivas; e também considerou-se para a produção dos dados desta pesquisa a revisita da literatura tendo como apoio a base materialista.

Para a análise dos dados foi utilizada uma entrevista semi-estruturada com os alunos de Pesquisa em Educação da Universidade Federal do Piauí no ano de 2015.2 e 2016.1, contendo questões relativas à temática. Nesse sentido, foi realizada a análise dos pressupostos teórico, filosófico e metodológico do curso de formação inicial de Pedagogia e sua relação com o trabalho de pesquisa e a formação inicial.

Sendo assim, analisaremos e discutiremos as categorias explicitadas no Quadro 1 levando em consideração os dados da empiria, realizada com alunos do curso de Pedagogia da disciplina de Pesquisa em Educação, do período 2016.1. É necessário destacar que essa investigação foi realizada em dois momentos, ambos foram realizados por meio da entrevista, sendo que no primeiro momento foi utilizado para a produção dos dados a entrevista semiestruturada.

O primeiro momento da entrevista foi realizado com 17 alunos do curso de pedagogia da turma de Pesquisa I, já o segundo momento da entrevista, chamada de colaborativa, fora realizado somente com 3 alunos desta mesma turma, esta quantidade se deu voluntariamente devido ser uma entrevista que se utiliza dos princípios da abordagem colaborativa, assim, os alunos que se dispuseram em participar do segundo momento da entrevista foram três. Nesse sentido, caracterizamos através da semiestruturada, assim como da entrevista colaborativa o diálogo dos alunos, em: necessidade do trabalho de pesquisa enquanto bem de consumo e necessidade do trabalho de pesquisa enquanto bem de produção.Assim, destacamos que a entrevista colaborativa decorreu a partir das relações materializadas com os dois momentos das entrevistas semiestruturadas. Neste trabalho, trazemos a produção dos dados com procedimento de entrevista semiestruturada.

**3.1.Caracterização dos enunciados dos alunos das necessidades do trabalho de pesquisa**

Os enunciados selecionados para a análise referente às necessidades do trabalho de pesquisa fazem parte dos dois momentos da entrevista. Os relatos a seguir mostram a resposta dada pelas alunas que participaram da entrevista semiestruturada quando feito o seguinte questionamento sobre: qual a necessidade que teve de fazer o curso de pedagogia?

**Lala:** O curso de pedagogia surgiu em minha vida como uma oportunidade de ter uma formação acadêmica que superasse minhas expectativas*.*

**Sosso:** Eu iniciei na UFPI no curso de Matemática onde cursei até o terceiro período. Durante o curso paguei disciplinas da pedagogia e gostei bastante*.* [...] o fato de ser evangélica e dar aula na Escola Dominical senti a necessidade de aprender mais e ajudar a escola e os demais voluntários que trabalham nela.

**Mila:** Almejando uma graduação e formaçãoem uma IES.

Nesse primeiro momento, o relato das três alunas nos fez caracterizar que a necessidade descrita, expressou os desvios das contingências, estas são condicionadas por circunstâncias exteriores, mas para chegar à necessidade é preciso passar pelos desvios dos caminhos contingentes. As contingências são dadas por circunstâncias externas. Deste modo, o necessário só se torna possível mediante o contingente.

Assim sendo, observamos na narrativa de Lala que a mesma relaciona a sua “necessidade como oportunidade” de formação acadêmica, logo, a aluna considera a existência objetiva da necessidade, porque não a nega em seu relato. Assim, a oportunidade é vista como contingência e esta gera a necessidade, portanto, ambas encontram-se ligadas. Segundo Cheptulin (2004) a necessidade e a contingência são categorias interdependentes.

Nos relatos de Sosso, observamos que as circunstâncias se fizeram quando a mesma cursava Matemática e já se identificava com as disciplinas pedagógicas. Nesse sentido, a mesma não nega em seus relatos a existência objetiva da necessidade, ao contrário, a considera, assim, as circunstâncias transformaram-se numa necessidade fundamental para que a discente desistisse do curso de Matemática e aderisse à Pedagogia.

Sosso ainda explica como uma das necessidades por cursar pedagogia “o fato de ser evangélica e dar aula na Escola Dominical”. Nessa perspectiva, Cheptulin (2004, p. 250) explica que no decorrer do desenvolvimento e da existência do organismo vivo “surgem [...] propriedades que são engendradas pelas condições individuais de sua existência, por sua interação com outras formações materiais e com o meio ambiente”. Mila, explica que a necessidade de fazer o curso de pedagogia foi almejando uma graduação e uma formação, nesse caso, a aluna também não negou a existência objetiva da necessidade, pois a relacionou como possibilidade de adentrar na graduação buscando formação.

As narrativas a seguir fazem parte da entrevista semi-estruturada, e responde ao seguinte questionamento: o trabalho de pesquisa na sua formação inicial é uma oportunidade ou obrigação?

**Lala:** É uma oportunidade, pois me permite conhecer termos que ainda não conheço da área da minha pesquisa.

**Sosso:** Não deixa de ser uma obrigação, porque é obrigatória dentro do curso. Mas também é uma grande oportunidade de aprender mais.

**Mila:** Oportunidade para a abertura de novas oportunidades e objetivos.

Especificamente no caso de Sosso, ora é revelado um discurso que é perspectivado para o trabalho de pesquisa enquanto bem de consumo, e ora é um discurso que é perspectivado para o trabalho de pesquisa enquanto bem de produção, sendo assim, caracterizamos que nos relatos desta aluna prevalece o trabalho de pesquisa enquanto bem em transição, uma vez que o trabalho de pesquisa na universidade não deixa de ser uma obrigatoriedade exigida pelo curso para a aprovação neste e recebimento do diploma.

Lala e Mila ressaltam a abertura de novas oportunidades e a necessidade de conhecer novos termosda sua área, sendo assim, seus relatos permitiriam que fosse considerado como necessidade do trabalho de pesquisa enquanto bem de produção. Sabendo que bens de produção é distinto de bens de consumo, ressaltamos que o trabalho de pesquisa produz condições materiais para o atendimento das necessidades sócio-históricas das alunas na sua dimensão pessoal e profissional, ou seja realça seu caráter de obrigação e de oportunidade.

**CONCLUSÃO**

Com base na análise, notamos que o trabalho de pesquisa gera contradições e conflitos, pois, com base nas características explicitadas no Quadro 1, e na empiria, a necessidade do trabalho de pesquisa gera oscilações entre os bens de consumo e os de produção, coexistindo o caminho da transição, pois os colaboradores podem tanto negar a existência objetiva do trabalho de pesquisa, quanto considerar. Nesta investigação, as alunas e partícipes entrevistadas consideraram a existência objetiva do trabalho de pesquisa como manifestação de necessidade sócio-histórica.

As discentes consideram a lógica dialética na produção de seu trabalho de pesquisa, bem como o caráter histórico dialético, pois em seus diálogos e nos transcorrer da pesquisa demonstraram interesse quanto à realização e o aprofundamento de seus trabalhos, considerando-o em seu movimento e desenvolvimento. É necessário destacar que a escolha pelo método para a concretização do trabalho de pesquisa, dar-se-á mediante o interesse e necessidades do pesquisador. Realçamos que o trabalho destaca a existência de uma transição entre a necessidade enquanto bem de consumo e esta enquanto bem de produção. Destarte, o trabalho de pesquisa constitui obrigação em receber o diploma de graduada, e também como oportunidade para buscar novos conhecimentos. Logo, não ocorrendo a predominância de uma das situações destacadas, prevalece o bem em transição. Assim, a pesquisa demandou formação teórica e filosófica do pesquisador, bem como a apropriação do seu trabalho e da realidade na sua face dialética.

Portanto, os estudos da revisão de literatura, as mediações produzidas no processo de orientação, as interações com as partícipes do Formar (Formação de Professores na Perspectiva Histórico-Cultural), bem como dos alunos de Tcc, pôde demonstrar que a pesquisa científica é essencial no processo de construção do conhecimento, assim, o pesquisador é exigido a constituir formação teórica e filosófica a ter apropriação do seu trabalho e da realidade na sua face dialética. Assim, entendemos que a unidade pensamento-ação é considerada a lógica superior, aquela que possui o verdadeiro fundamento da pesquisa científica.

**REFERÊNCIAS**

AFANASIEV, Vitor. **Fundamentos da Filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

BANDEIRA, Hilda Maria Martins. **Necessidades formativas de professores iniciantes na produção da práxis: realidade e possibilidades**. 2014. 249 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI, 2014.

BANDEIRA, Hilda Maria Martins; IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. Tipologias de necessidades formativas de professores iniciantes: Realidade e possibilidades em contextos colaborativos. In: ARAÚJO, Francisco Antonio Machado; MARQUES, Eliana de Sousa Alencar, (Orgs.). **Educação em pesquisas: Reflexões teóricas e relatos de pesquisas em educação.** Teresina: Edufpi, 2015, 236p.

BANDEIRA, Hilda Maria Martins;. Pesquisa Colaborativa: unidade pesquisa-formação. In: IPIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo; BANDEIRA, Hilda Maria Martins; ARAÚJO, Francisco Antônio. M. **Pesquisa Colaborativa: Multirreferenciais e práticas convergentes**. Teresina: Edufpi, 2016, 378p.

CHEPTULIN, Alexandre. **A dialética materialista**: categorias da dialética. São Paulo: Alfa-Omega, 2004.

FERREIRA. Maria. Salonilde. A abordagem colaborativa: uma articulação entre pesquisa e formação. In: SAMPAIO, Marisa Narcizo; SILVA, Rosália de Fátima e (Orgs.). **Saberes e práticas de docência**. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2014. p. 359-396.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa Colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber Livros. 2008

IBIAPINA Ivana Maria Lopes de Melo.; MAGAHÃES. Colaborar na pesquisa e na formação docente: o que significa? Como agir? In: SAMPAIO, Marisa Narcizo; SILVA, Rosália de Fátima e (Orgs.). **Saberes e práticas de docência**. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2014.

Série Educação Geral, **Educação Superior e Formação Continuada do Educador**. p. 397-420.

NONO, Maévi Anabel. **Professores iniciantes: o papel da escola em sua formação**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

SZYMANSKI, Heloisa (Org). ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro, 2004.

VIEIRA PINTO. **Ciência e existência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

1. Orientada Lays Cristine Soares de Carvalho e orientadora Hilda Maria Martins Bandeira receberam menção honrosa pelo trabalho de pesquisa intitulado “Trabalho de pesquisa na formação inicial: oportunidade ou obrigação?”, apresentado na sessão de comunicação oral no XXV Seminário de Iniciação Científica da UFPI, no período de 09 a 11/11/2016. [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí. Email: layxinha14@hotmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Professora da Universidade Federal do Piauí Vice-Coordenadora da Base de Pesquisa FORMAR. Doutora em Educação pela UFPI. E-mail – hildabandeira@ufpi.edu.br [↑](#footnote-ref-3)
4. A Pró-Reitoria de Pesquisa- pesquisa na instituição, de acordo com o  Art. 121 Capítulo V do Regimento Geral da Universidade Federal do Piauí PROPESQ, por meio da Coordenadoria de Pesquisa-CPES, é responsável pelo cadastro de todos os projetos de pesquisa na instituição, de acordo com o  Art. 121 Capítulo V do Regimento Geral da Universidade Federal do Piauí. [↑](#footnote-ref-4)
5. [↑](#footnote-ref-5)
6. “[...] os contrários são precisamente os aspectos, tendências ou forças internas do objeto que se excluem mutuamente e, ao mesmo tempo, se pressupõem um ao outro.” (AFANASIEV, 1968, p. 107). [↑](#footnote-ref-6)